

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE MEDICINA

JULIANA LENZI ALVES

**OBSERVAÇÃO DE UM RITO DE BENZEÇÃO E REZA NA PRESERVAÇÃO DA
TRADICIONAL PRÁTICA CURATIVA DAS BENZEDEIRAS**

MACEIÓ

2022

JULIANA LENZI ALVES

OBSERVAÇÃO DE UM RITO DE BENZEÇÃO E REZA NA PRESERVAÇÃO DA
TRADICIONAL PRÁTICA CURATIVA DAS BENZEDEIRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
a coordenação do curso de Medicina da
Universidade Federal de Alagoas

Orientador: Gerson Odilon Pereira

Co-orientador: Renato Evandro Moreira Filho

MACEIÓ

2022



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE
MEDICINA

DECLARAÇÃO

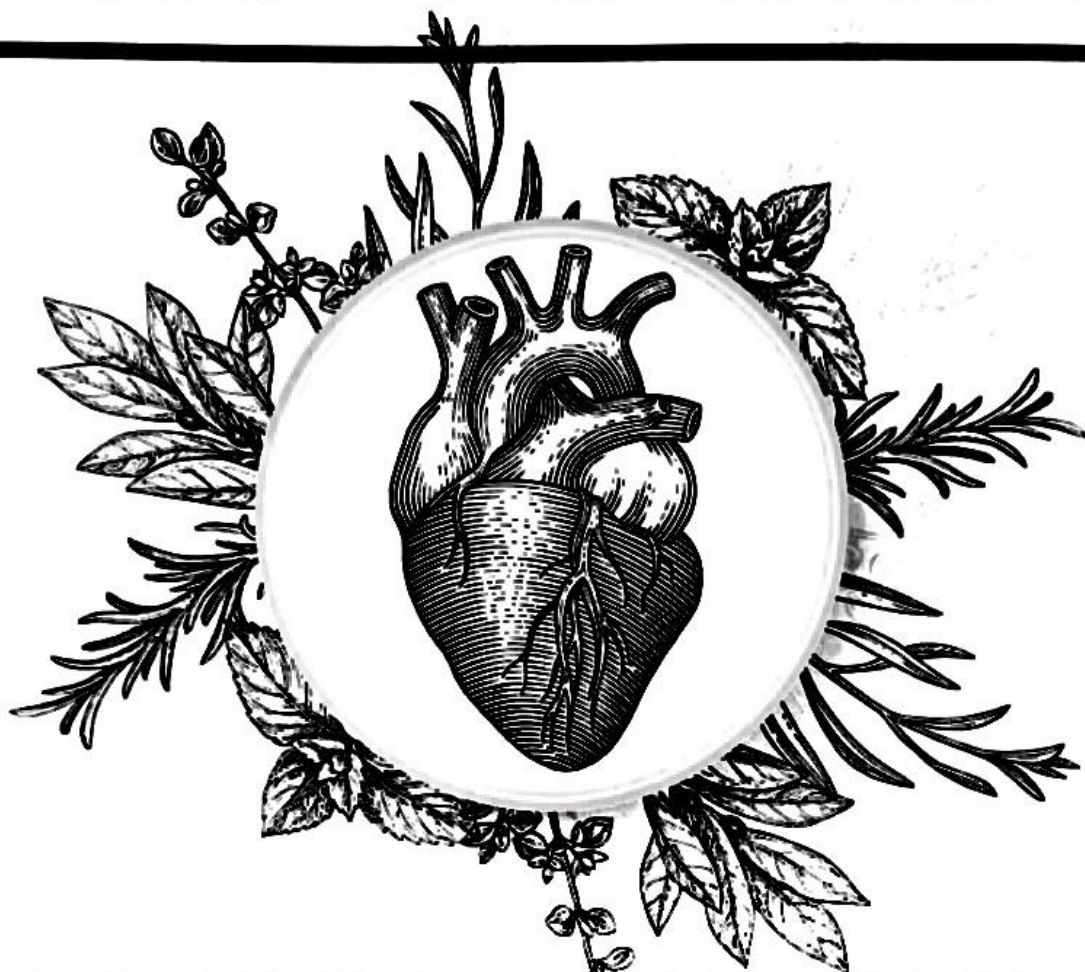
Declaro para os devidos fins que a discente Juliana Lenzi Alves, matrícula número: 17110665 cumpriu todas as exigências para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), conforme “Normas para Produção do TCC”, aprovadas pelo colegiado do curso em 24 de julho de 2019. O TCC realizado pela discente acima, concluído em 13 de Abril de 2022, intitula-se: “OBSERVAÇÃO DE UM RITO DE BENZEÇÃO E REZA NA PRESERVAÇÃO DA TRADICIONAL PRÁTICA CURATIVA DAS BENZEDEIRAS” que faz parte do livro “MEDICINA POPULAR”.

Maceió, 21 de junho de 2022.



Documento assinado digitalmente
REGINALDO JOSE PETROLI
Data: 29/06/2022 12:10:40-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. Reginaldo José Petrolí
Coordenador de Trabalho de Conclusão de Curso Faculdade de Medicina
- FAMED/UFAL. SIAPE: 1108003



GERSON ODILON PEREIRA
RENATO EVANDO MOREIRA FILHO
organizadores

— MEDICINA —
POPULAR

FELIPE JOSÉ DE SOUZA MAFRA
ISABELLA CARVALHO DE PAULA
MARIANA APARECIDA DA SILVA CARVALHO
co-organizadores



editora
VENTUROLI

OBSERVAÇÃO DE UM RITO DE BENZENÇÃO E REZA NA PRESERVAÇÃO DA TRADICIONAL PRÁTICA CURATIVA DAS BENZEDEIRAS

Juliana Lenzi Alves
Victoria Eduarda Cavalcanti de Moraes
Vitoria Viana Silva
Gerson Odilon Pereira

Enquanto observava sua avó colher os ingredientes para preparar um novo unguento, Joana refletia sobre como as antigas tradições de cura ainda dominam o pequeno vilarejo em que sua avó mora. Este lugar, pobre e carente de assistência, ainda recorre à dona Conceição para fazer benzeções, unguentos e chás naturais para aliviar suas doenças, realidade muito diferente da que Joana, estudante do Hospital Universitário, está habituada. Durante o processo, sua avó diz que aquele unguento fora encomendado pela mãe de um menino, que parecia ter impingem e, mais tarde, ela voltaria trazendo seu filho para que ela fizesse uma oração. O menino em questão, estava com o corpo cheio de manchas vermelhas, que coçavam muito e soltava cascas. Ele não brincava mais com os amigos, pois todos tinham medo de pegar a tal impingem. Relembrando os conceitos que aprendeu na faculdade, Joana prontamente disse a sua avó que no hospital aquilo era conhecido como Tinea e que deveria ser tratado com remédios. Ora, Dona Conceição logo sorriu e falou à sua neta que ali na roça ninguém sabe dizer esses nomes não, que eles só conhecem coisas como “impinge”, “espinhela caída”, “quebranto”, “íngua”, e que esse é jeito como eles vivem e cuidam uns dos outros, que curam doenças e mazelas da alma. Enquanto misturava o remédio, Dona Alba chega com seu filho, que senta e aguarda Dona Conceição preparar seus instrumentos de benzeção. Para impingem, coloca-se cinza quente do fogão em um saquinho e passa pelo corpo com os dizeres:

“Impingem, rabingem, eu vou te rabingar, em nome de Deus e da Virgem Maria, eu vou te matar”. Benzer com cinza quente do fogão ou braseiro, pode colocar em um saquinho e passar na pessoa e depois despachar jogando ao sol (TULLIO, 2014, p. 24).

Enquanto observava o ritual, Joana percebe a riqueza da fé e da cultura que ali existe, e pensa que aquilo era um tratamento não só para o corpo, mas também para o espírito. Dona Conceição colocou o unguento em um pote, e explicou a Dona Alba que aquela era uma receita que aprendera com sua avó: resina de ameixeira com vinagre branco forte. À noite e pela manhã ferva em borralho até se fazer unguento, e posto na ferida era remédio certo (BARROS, 2017). Com emoção, Dona Alba agradeceu novamente o socorro de Conceição, dizendo que a recomendaria a sua vizinha Francisca, cujo filho tão novinho sofria de algum mal. Dessa forma foi embora, deixando Dona Conceição descansar e Joana refletindo sobre tudo que presenciara. Joana olhava para sua avó preocupada se aquele esforço que ela fazia não seria demasiado para uma senhora com seus quase 80 anos, mas ela sabia o quanto Dona Conceição gostava de fazer a “reza”, eram um dom, ela dizia. Então, se fosse para ajudar, Dona Ceíça, como era conhecida, caminhava muito à procura das ervas, as colhia, e ela mesmo pilava e preparava o cataplasma. Joana aproveitou que estava em sua comunidade e foi junto de sua avó acompanhar todo o processo que ela fazia. No caminho, a avó queria que ela aprendesse quais eram as ervas que deveriam colher, como ela iria prepará-las e até a reza. Joana que queria só descansar dos dias de faculdade, decorando fármacos, sintomas, exames e posologias, achou que tivesse sido uma má ideia acompanhar sua avó.

Chegando em casa com as ervas, elas foram lavá-las e prepará-las, cortar, pilar e fazer o unguento. Joana continuava desinteressada pelas tarefas que fazia. E então chegou Francisca, com seu filho João de 2 anos, para ser benzido pela Dona Ceíça. Sua avó os recebeu bem, pediu que entrassem, ficassem à vontade, e se sentassem. Dona Conceição já havia ido à casa da família, a pedido de Francisca, olhar a perna de João. Então ela perguntou à Francisca se teria problema se sua neta, Joana, que estava estudando para ser doutora estivesse junto deles. A mãe do menino responde que não.

Joana prontamente reconheceu o menino e sua mãe. Eles haviam sido atendidos no setor de dermatologia do Hospital em que Joana é estudante, há apenas 2 dias atrás. Ela estava na sala acompanhando o atendimento da médica, quando chegou o caso do menino. Joana então perguntou, para ter certeza de que eram eles mesmo: Eu tenho a impressão de ter visto a senhora no HU há 2 dias com o menino. Foi a senhora que levou ele? A mãe do menino respondeu que sim, e disse que não sabia que a neta de Dona Ceíça estudava para ser doutora e que estivesse lá no HU.

Dona Ceíça acalma a mãe do menino, e diz que não tem problema nenhum ela ter levado seu filho ao hospital. E Joana pensava: esse menino está com erisipela, precisa de antibiótico, e muitos cuidados. Como pode a mãe não lhe dar o tratamento que a médica orientou?

Joana toma um susto com sua avó lhe perguntando se ela sabe o que o menino tem, e ela responde erisipela. Sim, isso mesmo, diz a avó, erisipela, zipra, a perna fica escura e é muito perigosa. Joana se surpreende com a constatação de que então sua avó sabe que é grave.

Dona Ceíça explica à mãe e ao menino que precisa passar o “remédio” para ele melhorar logo e poder correr com os outros meninos da vila; e então começa a aplicar o cataplasma, enquanto Joana observava inquieta.

REZA E CATAPLASMA CONTRA ERISPELA

[...] Passe no local com erisipela recitando o benzimento

com Fé: *“Pedro Paulo foi a Roma*

E com Jesus Cristo se encontrou.

Jesus perguntou a Pedro:

O que há por lá Pedro Paulo?

Pedro respondeu:

Há muita zipra e erisipela,

Muita gente morre dela.

Pedro perguntou a Jesus Cristo:

Senhor, com que se cura?

Jesus disse: Pedro volta lá

E benze com a água da fonte

Que corre dos montes,

Com o azeite da lâmpada,

E lá de carneiro,

Com o nome de Deus e da Virgem Maria”

Atenção com os cuidados com essa benzedura. Deve-se benzer sempre o mal de zipra e erisipela de cima para baixo para interrompê-la e não permitir que atinja a virilha. Pode repetir quantas vezes achar que precise. [...] (TULLIO, 2014, p 27).

Após ter feito todo o curativo no menino e orientado a mãe para deixar a perna mais alta, com um travesseiro embaixo, e que qualquer coisa fosse procurá-la de novo, a mãe agradece muito a Dona Ceíça. Porém, antes deles saírem, Dona Ceíça pergunta: Francisca, tu tais dando o remédio que a doutora passou? Joana olha surpresa, com os olhos arregalados, ela queria saber exatamente isso e parece que sua avó lia seus pensamentos. A mãe do menino responde claro, cumadre, eu num ‘só’ besta, não é possível que os remédios das doutora vão fazer meu menino “piorá”, os dois remédios juntos “vão é fazer” ele ficar bom logo. E se despede agradecendo, mais uma vez, a Dona Ceíça.

Joana pergunta ao fechar da porta como a senhora sabia que eu estava me perguntando aquilo? Ora, filha, não é preciso dom para isso, dava para ver pelos olhos inquietos. E você viu, ela está fazendo o que eu iria dizer, mulher sábia essa. O remédio de vocês da ciência não precisa dizer que o nosso não presta, cada um “cura” um pouquinho do doente e da doença, e assim vamos todos conseguindo o que queremos: ver as pessoas bem.

Joana pergunta: vó, a senhora pode me ensinar como fez o cataplasma? Claro, filha, responde a avó com lágrimas nos olhos e vão as duas para cozinha com Dona Conceição recitando a receita que sabia de cor e salteado:

Amasse **oito** pedras de sal no pilão, amassando junto **nove** flores de sabugueiro que podem bem ser secas, mais nove gotas de azeite virgem e nove gotas de água da fonte (mineral sem gás). Tudo bem amassadinho, coloque num pedaço de morim branco (tecido de algodão com trama larga) e faça uma trouxinha ou uma trouxinha com várias camadas de gaze caso não ache o morim. (TULLIO, 2014, p. 27).

Francisca estava de mudança para uma casa vizinha e pediu para que Josué, rapaz jovem e gentil, a ajudasse a carregar alguns móveis. Ele carregou a geladeira, o sofá e os armários da cozinha. Quando ia levando a beliche para a nova casa de Francisca, sentiu uma dor forte em sua perna direita. Precisou parar o que estava fazendo e sentar um pouco. Francisca foi acudir, levou gelo, não funcionou, colocou panos quentes por cima, não melhorou. A dor não passava com nada, e pior, estava se encaminhando para a parte de trás da perna também. Francisca então lembra dos cuidados da Dona Ceíça e sugere que Josué a acompanhe até a casa da senhora para ser benzido, pois a reza resolveria a dor incurável. Chegando lá, Dona Ceíça os recebe e Josué explica o sucedido. Dona Ceíça, que já tinha visto situações parecidas, diz aos dois que se trata de um caso de Ciática, mas que conhece a reza que é tiro e queda para o caso de Josué. E inicia a benzeção:

*“Faca cortas pão, cortas carne.
Cortas tudo o que quiserem cortar.
Corta a ciática a esta pessoa que não pode esperar.
Se és ciática ou ciético, maldita vai-te daqui!
Eu te corto,
eu te recorto,
eu te atalho pelo nascente,
pelo poente,
pelo sagrado nascimento de Deus,
Nosso Senhor Jesus Cristo
e em louvor e honra da virgem Maria.
Pai-Nosso. Ave-Maria. Amém.”* (TULLIO, 2014, p. 38).

Ao terminar de proferir as palavras de esperança para Josué, Dona Conceição faz outra recomendação: “pegue um pouco de mel, misture com Tormentina quente e unte o lugar da perna que dói. Depois de untada, misture pó de pimenta, malagueta e macela em porções iguais e coloque por cima. Cubra tudo isso com um pano de linho e outro de cor e espere a benfeitoria acontecer” (BARROS, 2014). Não se sabe se pela fé ou se pelo preparado de plantas, mas Josué voltou três dias depois para agradecer Dona Conceição por tê-lo curado do desconforto na perna.

Ao final daquela visita à sua avó, Joana reflete sobre tudo que presenciou, a riqueza das tradições presentes naquele pacato lugar e também, como sua Dona Ceíça é procurada e respeitada por aqueles que buscam aliviar suas dores, se uma forma popular e simples, mas com muita fé e cuidado com o outro.

“Na mão, as ervas

Na cabeça, as rezas

Para todo mal, uma oração

Juntando a fé e o cuidado, nasce a benzeção” (Victoria Eduarda).

REFERÊNCIAS

- TULLIO, Theresa. **O livro das rezas: manual da benzedeira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vila de Beroë, 2014. 162 p. ISBN 9781523874118.
- BARROS, Anabela Leal de. **Remédios vários e receitas aprovadas: segredos vários**. 1. ed. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. 686 p. ISBN 9789892612812.